

## CORPO, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE: ANÁLISE DA PERFORMANCE ORÍ E SEU IMPACTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Milena Sousa Silva <sup>1</sup>  
 Claudenice Monteiro Goulart<sup>2</sup>  
 Adélia Cristina da Silva Passos<sup>3</sup>  
 Alda Eunice Reis Santos<sup>4</sup>  
 Luzia Pereira Rodrigues<sup>5</sup>

### RESUMO

Esta comunicação objetiva compartilhar a experiência da atividade de orientação da estudante bolsista Maria da Conceição Silva Ferreira Rosa, bolsista do Programa de Iniciação Científica Júnior – ICJ, do CNPq. A bolsista foi premiada na I Feira Científica, Literária e Étnico-Racial do IEMA, em 2024, que propôs o desenvolvimento de uma pesquisa com objeto extraído da linha: “Diásporas para relações étnico-raciais: representatividade e equidade racial”. Esta atividade possui o direcionamento do Grupo de Pesquisa A Ciência é Pop, espelho [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2859144036330938](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2859144036330938), do qual fazemos parte desde o ano de 2024, criado pelo IEMA Pleno São Luís-Centro para atuação do seu corpo docente e discente desenvolverem atividades de pesquisa no âmbito do ambiente escolar. A investigação, em questão, desenvolve um estudo sistematizado em torno de uma ação artístico-performativa, que visa compreender as percepções sobre a cultura afro brasileira com recorte na espiritualidade vivenciada no cotidiano escolar. A gestualidade, a dança, os cânticos e até a postura corporal atuam como elementos de comunicação simbólica, traduzindo e dando forma a uma narrativa cultural que é continuamente reescrita através da vivência no cotidiano. Essa prática reflete o conceito de identidade cultural como algo que se constrói a partir das interações sociais e culturais, sendo o corpo e a oralidade o espaço onde essas interações se tornam visíveis e significativas. Assim, a performance, torna-se um espaço de autoafirmação de uma identidade que se constrói não apenas contra a sociedade hegemônica, mas também por meio da celebração de uma ancestralidade viva e plural. No artigo desenvolvido a partir desta comunicação pontuaremos os relatos e a análise da revisão bibliográfica e dados colhidos com resultados substanciais do que já foi desenvolvido até o momento. Nele, desenvolvemos atividades relacionadas à arte e à cultura maranhense, ação que acreditamos contribuir para a difusão da escrita científica.

**Palavras-chave:** Performance; Ancestralidade; Identidade Cultural; Tambor de Mina; Grupo de Pesquisa A Ciência é Pop.

### 1. INTRODUÇÃO

A compreensão da espiritualidade afro-brasileira e das práticas performativas que a acompanham exige um olhar sensível à corporeidade como lugar de memória e ancestralidade.

<sup>1</sup> Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão, [milenaluz7@gmail.com](mailto:milenaluz7@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão, atua como bibliotecária no IEMA Pleno São Luís, [claudenice32@hotmail.com](mailto:claudenice32@hotmail.com).

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão e Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Laboro, [adeliapassos88@gmail.com](mailto:adeliapassos88@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão [aldaeunicereissantos16@gmail.com](mailto:aldaeunicereissantos16@gmail.com).

<sup>5</sup> Graduada em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão, [luziaesofia07@gmail.com](mailto:luziaesofia07@gmail.com).



Diferentemente de visões eurocêntricas que separam corpo e mente, a cosmovisão afro-brasileira entende o corpo como veículo de comunicação entre o humano e o sagrado, um espaço simbólico onde se inscrevem histórias de resistência e pertencimento cultural.

A pesquisa relatada neste artigo surgiu da participação na FECLIE: I Feira científica, literária ético-racial do IEMA em 2024, com a submissão da performance literária: Orí da estudante Maria da Conceição Silva Ferreira Rosa que foi premiada com a classificação em primeiro lugar na categoria performance literária, o que proporcionou que a estudante se tornasse bolsista do Programa de Iniciação Científica Júnior – ICJ, do CNPq. Essa é conquista é muito importante para o campo da produção artística, pesquisa e escrita científica, pois se trata de uma estudante de ensino médio premiada em um evento científico com uma performance que traz reflexões sobre identidade, ancestralidade e resistência simbólica de uma mulher negra em um estado onde essa representatividade ainda é pouco expressiva e pouco reconhecida.

Buscamos portanto fazer uma análise de como gestos, danças e cânticos que operam como linguagens performáticas que afirmam a cultura afro-brasileira e combatem a intolerância religiosa, em diálogo com práticas educativas decoloniais.

A experiência de orientação se desenvolveu a partir da linha de pesquisa: “Diásporas para relações étnico-raciais: representatividade e equidade racial”. Esta atividade possui o direcionamento do Grupo de Pesquisa A Ciência é Pop, espelho [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2859144036330938](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2859144036330938), do qual fazemos parte desde o ano de 2024, criado pelo IEMA Pleno São Luís-Centro para atuação do seu corpo docente e discente desenvolverem atividades de pesquisa no âmbito do ambiente escolar. A investigação, em questão, desenvolve um estudo sistematizado em torno de uma ação artístico-performática, que visa compreender as percepções sobre a cultura afro brasileira com recorte na espiritualidade vivenciada no cotidiano escolar. A gestualidade, a dança, os cânticos e até a postura corporal atuam como elementos de comunicação simbólica, traduzindo e dando forma a uma narrativa cultural que é continuamente reescrita através da vivência no cotidiano.

Essa prática reflete o conceito de identidade cultural como algo que se constrói a partir das interações sociais e culturais, sendo o corpo o espaço onde essas interações se tornam visíveis e significativas. Assim, a performance religiosa, mediada pelo corpo, torna-se um espaço de autoafirmação de uma identidade que se constrói não apenas contra a sociedade hegemônica, mas também por meio da celebração de uma ancestralidade viva. No artigo



desenvolvido a partir desta comunicação pontuaremos os relatos e a análise da revisão bibliográfica e dados colhidos com resultados substanciais do que já foi desenvolvido até o momento. Nele, desenvolvemos atividades relacionadas à arte e à cultura maranhense, ação que acreditamos contribuir para a difusão da escrita científica.

## 2. POESIA

### PERFORMANCE LITERÁRIA: ORÍ

Orí caminho cheio de areia  
 Me leva para o mar  
 Mãe cujo os filhos são peixes  
 Rainha do mar vem me abençoar.

Em tempo de tempestade ela é búfalo, leve e sabia ela é borboleta  
 Senhora dos ventos me traga purificação  
 O vento soprou e ela veio ao meu encontro,  
 Rainha tua estrela e tua luz me ilumina.

Não estranhe quando eu estiver triste e falar  
 Eu ando triste seu Zé, minha alma chora  
 Eu ando triste Zé, não vá embora  
 Também não se surpreenda quando chegar setembro  
 Eu vou gritar  
 Eu quero doce, eu quero bala, eu quero mel pra passar na tua cara

Não me olhe com julgamentos quando eu cantar:  
 Dói, dói, dói, dói, dói  
 Um amor faz sofrer  
 Desamor faz chorar

Quando eu quiser me fortalecer eu simplesmente vou olhar para o céu e cantar  
 Santo Antônio dá uma volta lá fora  
 Não me estranhe eu não irei me calar  
 Com a minha voz inúmeras melodias  
 Vou me soltar e vou voar.

Podemos observar que poesia de autoria da estudante para ser narrada durante a performance traz uma narrativa de como a espiritualidade esta presente em seu cotidiano revelando uma intimidade e conexão inerente ao seu existir cotidiano que se estende naturalmente ao ambiente escolar. Segundo Leda Martins (1997, p. 25), “o corpo é o lugar da memória, e é por meio dele que os gestos reatualizam a presença dos ancestrais”. No contexto



escolar, essa compreensão amplia o papel pedagógico do corpo, não apenas como suporte físico, mas como instrumento de ensino, aprendizagem e promoção da diversidade cultural.

Temos aqui uma percepção dentro da oralidade na poesia, na linguagem visual, associando a cor as entidades citadas e corporal quando ela traz a mão na direção da testa representando o “orí” que em iorubá significa cabeça como observamos a seguir na imagem:



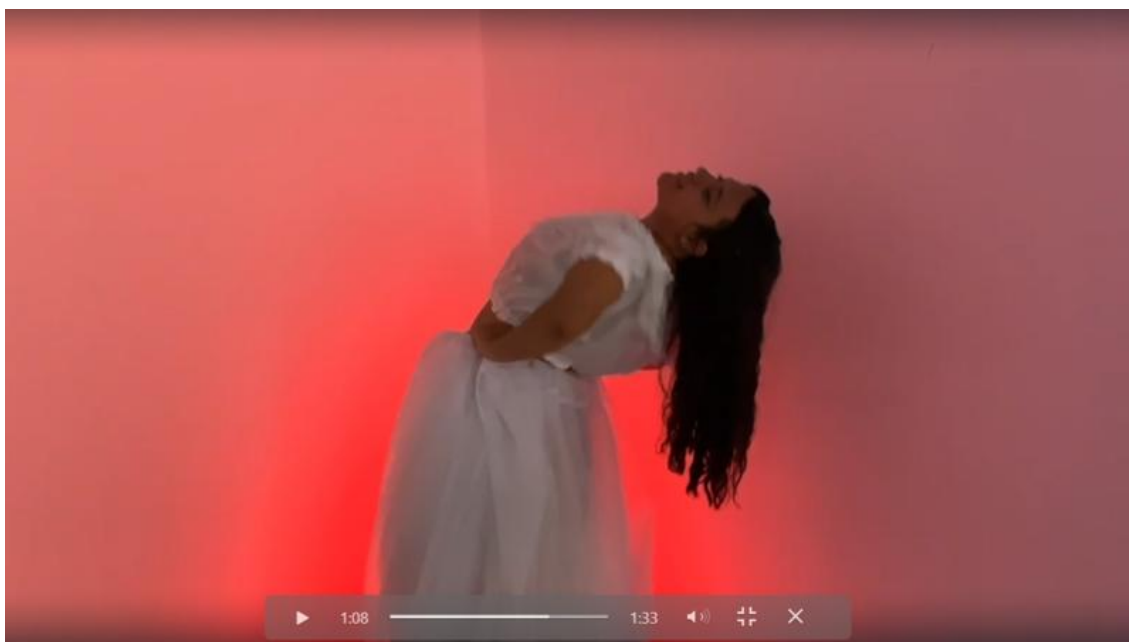
### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Corpo e Performance

A performance é um conceito que articula presença, gesto e linguagem simbólica. Renato Cohen (2002, p. 19) afirma que a performance é “uma arte da presença, na qual o corpo é simultaneamente obra, discurso e ação”. Essa abordagem permite compreender que o corpo não apenas representa, mas atua como mediador do conhecimento e da espiritualidade.

Leda Martins (2004) desenvolve o conceito de **corpo-memória**, em que os gestos e movimentos corporais reinscrevem a memória histórica e ancestral. Para a autora, “O corpo é a superfície onde a memória se inscreve e se reinscreve, em gestos que reatualizam o passado e projetam o futuro” (MARTINS, 2004, p. 28). Podemos observar na imagem a seguir:





No âmbito das práticas da religiosidade afro-brasileiras, como o Tambor de Mina essa postura corporal traz uma representação das entidades conhecidas como pombagira que estão associadas ao orixa Exu, percebemos que cada gesto corporal constitui uma narrativa de ancestralidade e resistência cultural, principalmente quando se trata de Exu, muitas vezes estigmatizado devido falta de conhecimento e entendimento dessa cultura tão complexa, atuamos deste modo como linguagem viva que conecta gerações e reafirma identidades coletivas e plurais.

### 3.2 Corporeidade E Educação

A corporeidade transcende o aspecto físico e se constitui como território de aprendizagem e construção de sentido. Santos (2005, p. 62) destaca que “a corporeidade é o primeiro território de aprendizagem, o espaço onde o ser humano se reconhece como parte de uma comunidade cultural”. Na escola, isso implica reconhecer o corpo negro como produtor de saberes e memória histórica, integrando cultura, espiritualidade e aprendizagem de forma inseparável.

Segundo Freire (1996), a educação deve ser um processo emancipador que valoriza experiências vivenciais e culturais, permitindo aos sujeitos compreenderem-se como agentes ativos na construção de seus próprios conhecimentos. Inserir práticas performáticas afro-brasileiras no currículo escolar contribui para o fortalecimento de uma educação antirracista e



decolonial.

### **3.3 Espiritualidade Afro-Brasileira e Ancestralidade**

A espiritualidade afro-brasileira se manifesta corporalmente por meio de danças, cânticos e rituais, que configuram a presença dos orixás, voduns e encantados. Zeca Ligiero (2011, p. 45) observa que “A performance afro-brasileira é um ato de resistência simbólica, um gesto de afirmação cultural que inscreve no corpo a presença dos ancestrais”. Sueli Carneiro (2011, p. 73) reforça a dimensão política do corpo negro: “O corpo negro é um texto político: nele se escrevem séculos de resistência e de luta por humanidade”. Essa perspectiva evidencia que a performance corporal é simultaneamente prática estética, pedagógica e política, reafirmando o valor do corpo na construção de identidade e memória coletiva.

## **4. Metodologia**

A pesquisa utiliza abordagem qualitativa e reflexiva, articulando observação participante, experiências performáticas e análise interpretativa. O estudo foi realizado com a estudante do ensino médio, em atividades do Programa de Iniciação Científica Júnior (ICJ), vinculadas ao Grupo de Pesquisa “A Ciência é Pop”.

Os procedimentos metodológicos incluíram:

1. Vivência performática: oficina de danças afro-brasileira e elaboração da performance;
2. Pesquisa bibliográfica: discussões sobre preconceito, ancestralidade e diversidade religiosa;
3. Registros de relatórios: observações sobre processo de pesquisa.
4. Análise interpretativa: fundamentada nos referenciais teóricos.

O foco metodológico foi compreender como o corpo se configura como instrumento de ensino e resistência cultural, refletindo a experiência espiritual afro no cotidiano escolar.

## **4. Resultados**

A análise revelou que as práticas performáticas promovem:

- Reconhecimento e valorização da ancestralidade: estudantes passaram a compreender a espiritualidade afro-brasileira como patrimônio cultural;





- Combate à intolerância religiosa: vivências corporais e discussões reduziram preconceitos e fortaleceram o respeito à diversidade;
- Aperfeiçoamento da aprendizagem: corpo, gesto e canto atuaram como linguagens simbólicas, reforçando conceitos de identidade e memória cultural.

Segundo Leda Martins (1997, p. 25), o corpo realiza uma reencenação do tempo espiralar, conectando passado, presente e futuro. O estudo evidencia que a performance na escola permite que a ancestralidade seja vivida e compreendida, não apenas estudada.

Além disso, a corporeidade como ferramenta pedagógica reflete uma educação decolonial, em que os saberes orais, rituais e performáticos ganham valor epistemológico (Taylor, 2013). Os estudantes se engajaram ativamente, compreendendo o corpo como espaço de aprendizagem e resistência cultural.

## CONCLUSÃO

O presente estudo demonstra que a corporeidade, a performance e a espiritualidade afro-brasileira constituem um campo epistemológico e pedagógico de grande relevância para a educação contemporânea. A experiência performática escolar, centrada na análise da performance *Ori*, reforçou que o corpo é um veículo de memória, resistência e transmissão cultural, promovendo a valorização da diversidade, o combate ao racismo religioso e a construção de uma educação inclusiva e antirracista. Evidencia-se que a escola deve ser um espaço de celebração da ancestralidade, integrando as práticas culturais afro-brasileiras à educação formal.

Ao contextualizarmos esses achados no panorama do XI Congresso Nacional de Educação (CONEDU), que traz como temática central "Fazer Educação a partir das Margens: Compromissos Formativos", a pesquisa ganha uma ressonância ainda mais profunda e urgente.

O tema deste CONEDU ressalta a necessidade de trazer para o centro da discussão educacional as vozes e práticas historicamente marginalizadas. A performance *Ori* e a investigação sobre a corporeidade negra no ambiente escolar se alinham perfeitamente a esse compromisso, pois afirmam o corpo negro não apenas como objeto de estudo, mas como sujeito produtor de saberes, memória histórica e resistência. O corpo, na cosmovisão afro-brasileira, é um espaço de comunicação entre o humano e o sagrado, um veículo onde se inscrevem histórias



de pertencimento cultural.

Reitero que a incorporação de práticas performáticas afro-brasileiras, como observado no estudo, atua diretamente no fortalecimento de uma educação antirracista e decolonial. A performance torna-se um ato de autoafirmação de identidade e celebração de uma ancestralidade viva. Isso dialoga com os *Compromissos Formativos* propostos pelo CONEDU, pois demonstra que a inclusão dos saberes orais, rituais e performáticos possui valor epistemológico, sendo fundamental para uma formação que valoriza as experiências vivenciais e culturais e emancipa os sujeitos.

Considero que a pesquisa revelou resultados substanciais na promoção do reconhecimento da ancestralidade, no combate à intolerância religiosa e no aperfeiçoamento da aprendizagem por meio do corpo e do gesto. Estes resultados sugerem uma atuação prática e eficaz para cumprir os compromissos de diversidade e equidade exigidos pela temática do congresso e pelas diretrizes educacionais que buscam a inclusão e o respeito à diferença. A experiência da estudante bolsista premiada com a performance *Orí* é um exemplo concreto de como o ambiente escolar pode fomentar a produção artística e a escrita científica a partir das culturas das margens.

Portanto, esta comunicação se posiciona como uma contribuição prática e teórica para o XI CONEDU, defendendo a performance e a corporeidade afro-brasileira como eixos pedagógicos essenciais para a construção de uma educação que reconhece, valoriza e se constrói a partir das margens.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. São Paulo: Caleidoscópio, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HELENA, Lúcia. **Corpo, Arte e Estética da Existência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.





LIGIÉRO, Zeca. **Performance Afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da Oralitura: corpo, tempo e memória**. Revista Letras de Hoje, v. 39, n. 4, p. 25–36, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. **Corpo e Educação: perspectivas culturais e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

